

A DAMA DE CAIO: INTERFACES ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA

THE LADY OF CAIO: INTERFACES BETWEEN LITERATURE AND SOCIOLOGY

LENINE RIBAS MAIA¹, GUILHERME RODRIGUES PASSAMANI² E
LUCIANA MONTEMEZZO³

Recebido em: 31/08/2009

Aprovado em: 15/04/2010

Dá minha jaqueta, boy, que faz um puta frio lá fora e quando chega essa hora da noite eu me desencanto. Viro outra vez aquilo que sou todo dia, fechada sozinha perdida no meu quarto, longe da roda e de tudo: uma criança assustada (ABREU, 1988, p. 98).

RESUMO

Este trabalho busca a aproximação entre a literatura e a sociologia. A análise problematizará o conto *Dama da Noite*, de Caio Fernando Abreu, do livro *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (1988). Os elementos que articulam a conexão entre as áreas serão os pressupostos de identidade presentes na obra. Mediante o entendimento de identidade a partir de uma lógica pós-moderna, por meio de uma pesquisa bibliográfica, o marco teórico do ensaio será o livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2002), de Stuart Hall, e a obra *Identidade* (2005), de Zygmunt Bauman. Valendo-se de um narrador autodiegético, *Caio dá vida à dama*. As questões de identidade permeiam todo o conto, na fala da personagem. Entendemos como possível a aproximação entre a literatura e a sociologia, neste conto, porque é nítido um universo que está para além do literário, demonstrando de maneira clara a função social da literatura.

Palavras-chave: Identidade; Pós-modernidade; Literatura.

ABSTRACT

This article tries to approach literature and sociology. The analysis will involve the story Dama da Noite written by Caio Fernando Abreu, presents in the book Os Dragões

Não Conhecem o Paraíso (1988). The elements that will be articulate in the connection of these areas will be the theory of identity found in this story. After understand the concept of identity using as base the pos-modern logic, through a bibliographical research, the theoretical landmark of this work will be the book *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2002) by Stuart Hall and the book *Identidade* (2005) written by Zygmunt Bauman. Using the autodiegetic narrator, *Caio gives life to Dama*. We think that is possible the approach of literature and sociology, in this story, even because seems obvious that there is an universe that surpasses the literary, demonstrating, in a clear way, the social function of literature.

Keywords: Identity; Pos-modernity; Literature.

1 Introdução

O escritor gaúcho Caio Fernando Abreu (1948-1996) se preocupa diversas vezes com questões ainda polêmicas para a sociedade. Seus textos expressam, de maneira clara e eloquente, as críticas frequentes que o autor manifesta da relação entre os sujeitos e o mundo em que vivem.

Neste sentido, fazer do próprio texto o objeto de investigação da Sociologia parece relevante, uma vez que esta, aplicada à Literatura, busca, em um sentido amplo, estabelecer e descrever as relações entre a sociedade e a obra literária (FACINA, 2004).

¹ Acadêmico do curso de Letras – Português e Literaturas da Língua Portuguesa da UFSM, RS, Brasil. E-mail: l_ribasm4@hotmail.com

² Mestre em História Latino-Americana (UFSM), Professor Assistente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí. E-mail: grpsociais@hotmail.com

³ Doutora em Teoria e História Literária (UNICAMP), Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFSM, RS, Brasil. E-mail: grpsociais@hotmail.com

O conto *Dama da Noite* integra o livro *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (1988), no qual a narradora autodiegética⁴ é a própria *Dama*. No conto, uma mulher *co-roa*⁵ dialoga com um *boy* em um bar. De acordo com a *Dama*, as pessoas vivem em uma grande *roda gigante*. No entanto, esta roda não funciona para todos: apenas para as pessoas que possuem o código, a senha de acesso.

O garoto, bem como a maior parte do público do bar, está em um universo de iguais, onde todos possuem cabelos *arrepia-dinhos* e mais ou menos a mesma faixa etária. Portanto, têm a senha para rodar na roda *idiota*. Ela, uma *mina meio co-roa*, fica de fora e vê os outros girarem felizes na roda.

A *Dama* teve muitos relacionamentos, homens e experiências. Algumas vezes ganhou, outras perdeu, mas sabe que viveu intensamente. Além dessas experiências, a única coisa que lhe restou foi uma *solidão medonha*. Ela, porém, sente-se em vantagem em relação ao menino, por ter nascido antes, principalmente por ter desfrutado do *prazer* sem medo de *pegar aids* ou mesmo *sentir aquele cheiro molhado que as pessoas têm na virilha*.

No final do conto, Caio decompõe a dama *darkérrima*. Ela relata ao *boy* que frequenta o bar há anos na espera do seu grande amor, *O Verdadeiro Amor*, e que o peso de ser diferente ou sentir-se como diferente ninguém quer para si. Ela pede que o menino alcance a jaqueta e vai embora, pois nessa hora da noite ela se *desencanta* e volta a ser apenas *uma criança assustada*.

Assim, podemos perceber que a personagem flutua em um mundo fragmentado, expondo, inúmeras vezes, seus conflitos individuais, concernentes às questões de identidade e de deslocamento social.

Ao encontro dessas perspectivas, destacamos duas obras norteadoras para a dis-

cussão de tais temas: *Identidade* (2005), de Zygmunt Bauman, e *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2002), de Stuart Hall.

Em um primeiro momento, destacaremos os pontos centrais dos estudos do polonês Zygmunt Bauman, no que se refere à temática elencada. No livro *Identidade* (2005), o autor analisa o que muitos autores convencionaram chamar de *pós-modernidade* – Bauman prefere chamar de *modernidade líquida* – e suas implicações às identidades, perpassando pelas questões que envolvem o transitório, o mutável dessas mesmas identidades.

Os tempos líquidos são os tempos de compressão espaço-temporal. Neste tempo há o derretimento dos sólidos, sobretudo, aqueles envolvidos na crença da totalidade, do definitivo. A chegada a este estado líquido não se deu através de processos autoritários ou tirânicos, pelo contrário, chega-se a este estágio após um árduo processo de libertação desses mecanismos, uma vez que eles eram compreendidos como empecilhos para o exercício da liberdade (BAUMAN, 2001).

Nesse mesmo sentido, Stuart Hall, tomando como viés principal o recente e atual processo de globalização, desconstrói o sujeito moderno, que tinha uma identidade bem definida e total, para esboçar a construção das identidades fragmentadas e mutáveis do indivíduo pós-moderno (modernidade tardia).⁶

Por fim, investigaremos os pontos convergentes, as interfaces, entre a *Dama* do conto e as teorias expostas, procurando analisar as possíveis causas pelo seu mal-estar e deslocamento, bem como (des)construir seu jogo de identidades.

⁴ Segundo Genette (1979), é o narrador que narra em primeira pessoa e é também o personagem principal.

⁵ Os termos em itálico são fragmentos retirados da própria obra e expressam a oralidade deste trabalho.

⁶ É preciso ter claro que há uma diferenciação nítida entre modernidade e pós-modernidade. Bauman (1998, p. 26) define modernidade como sendo uma época ou um estilo de vida em que conquistar a ordem depende de se superar uma ordem “tradicional”. É um novo começo. Já a pós-modernidade, é o viver *num estado de permanente pressão para se despojar de toda interferência coletiva no destino individual, para desregular e privatizar*.

2 Identidades líquido-modernas em Zygmunt Bauman

O nosso tempo é um tempo de incertezas e de crises, alguns teóricos falam em cenários de riscos. Incertezas e riscos que extrapolam a teoria sociológica e encontram-se também nas páginas de Caio Fernando Abreu. Em grande medida, isso é explicado pela forma como a humanidade começou estruturar o seu estar no mundo. Segundo Stuart Hall, em *O mal-estar da pós-modernidade* (1998), o resultado desta equação, ou seja, que opta por limitar a liberdade em nome de mais segurança, leia-se mais ordem, vai resultar, inevitavelmente, um mal-estar.

Ainda tendo por foco a obra *O mal-estar da pós-modernidade*, o estudioso diferencia os mal-estares da modernidade e os mal-estares da dita pós-modernidade. Nos primeiros, a razão do desconforto era uma segurança que dava margens à pouca liberdade. Nos segundos, o problema provém de uma liberdade que tolera tudo e a segurança é muito pequena, quando ela existe. De modo geral, a sensação – e esta é uma palavra importante para entender os tempos atuais – é de inexistência de segurança (HALL, 1998).

Como antídoto aos mal-estares, Zygmunt Bauman propõe a constituição de comunidades que, segundo ele, definem as identidades. No entanto, o autor é ainda mais preciso ao sugerir que existem comunidades de vida e de destino: as primeiras se referem aos indivíduos que compartilham uma vida (ligação) absoluta, e as segundas se concretizam a partir de ideias ou da variedade de valores (BAUMAN, 2005).

As comunidades são buscadas em meio a todo este cenário de medos e incertezas, porque evocam segurança. Esta palavra dá uma ideia de coisa boa. A noção de comunidade é positiva. Em uma comunidade, as pessoas não são estranhas entre si. Tudo o que a palavra comunidade evoca é aquilo de que os humanos sentem falta (BAUMAN, 2003).

Estar em uma comunidade é estar seguro, é estar protegido. Logo, a comunidade dá segurança, mas limitará em termos de liberdade. Assim, há uma tensão entre liberdade e segurança ou, ainda, entre comunidade e individualidade.

A noção de comunidade buscada hoje é, então, um abrigo nuclear pessoal, é um ambiente seguro de ladrões e à prova de intrusos. A comunidade aparece como um ambiente de separação, de isolamento. Esse “porto seguro”, ou a busca desenfreada por ele, acaba por produzir, segundo o autor, um mutante bizarro, isto é, o gueto voluntário. Assim, há o confinamento espacial e o fechamento social. Há a homogeneidade dos de dentro, contra a heterogeneidade dos de fora (BAUMAN, 2003, p. 105).

Neste sentido, o sociólogo aponta que:

A questão da identidade só surge com a exposição a ‘comunidades’ da segunda categoria – apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a ‘comunidade fundida por ideias’ a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural (BAUMAN, 2005, p. 17).

Assim, podemos, ainda, inferir que as identidades se estabelecem por meio da diferença, uma vez que só se discute identidade quando existem outras. Portanto, se não houver alternativas, não haverá diálogo acerca das identidades. Esta noção está ligada à ideia de pertencimento, que, assim como as identidades, é flexível, mutável e adiável.

Para Bauman (2001), o pertencimento está ligado a uma crença subjetiva que une distintos indivíduos. Eles se veem membros de uma coletividade, na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações para todos.

No mundo líquido-moderno, são raros os que conseguem evitar o contato com mais de uma comunidade de ideias. Dessa maneira, é possível perceber que existe “deslocamento” por toda parte. Podemos estar em qualquer lugar (ou até mesmo sentirmo-nos em “casa” nestes lugares), mas, verdadeiramente, o preço a pagar é a

aceitação de que nunca se está plenamente em “casa”. De outra forma, pode-se dizer que a ideia de identidade moderna (cartesiana) está em franco processo de esvaziamento.

Bauman se debruça ainda mais na discussão, expondo que:

A ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais [...] (BAUMAN, 2005, p. 22).

A partir do século XIX, surge, com mais intensidade, o conceito de identidade nacional. Estas identidades se construíram por meio do Estado-Nação e, em um primeiro momento, tinham caráter positivo.⁷

O estado moderno tinha o compromisso de pôr por terra a identidade herdada. Este estado deslocou o eixo, isto é, a identidade passou de uma atribuição para uma realização. Assim, a identidade torna-se responsabilidade do indivíduo. Este é um dos reflexos da perda de espaço e de importância do Estado-Nação (BAUMAN, 1998).

O Estado, de uma maneira ou outra, busca a obediência de seus indivíduos e define, classifica e seleciona os dialetos e leis, tornando as identidades nacionais obrigatórias em seus limites territoriais.⁸ Desse

modo, a identidade nacional é responsável por estabelecer as diferenças entre “nós” e “eles” (BAUMAN, 1999).

Bauman (2005) afirma que as identidades estão sempre mudando e que nós estamos sempre buscando, construindo as nossas identidades no tempo líquido-moderno. Lutamos, neste sentido, para pertencer a grupos – assim como nós – mutáveis e manter estas identidades vivas, mesmo que por um momento.

Para o sociólogo, o mundo está se movendo de maneira rápida e acelerada. Dessa maneira, não podemos confiar em estruturas que não admitam novos conteúdos. Nesse sentido, Bauman (1999, p. 33) explica que “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”.

Esta busca incessante pela identidade, supostamente, conferiria segurança ao indivíduo. No entanto, este sentimento, por vezes, é ambíguo: mostra-se estimulante por haver uma série de experiências ainda não vivenciadas pelos indivíduos, e, porém, caminhar sem um devido apoio em uma área desconhecida e, às vezes pouco definida, pode se tornar, em longo prazo, uma condição produtora de pura ansiedade (BAUMAN, 2005).

Assim, neste mundo de individualização excessiva, as identidades são ambivalentes, pois transitam entre o sonho (do encontro) e o pesadelo (de perder-se). O autor enfatiza que “as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da *ambivalência*” (BAUMAN, 2005, p. 38).

Para Bauman (2005), o processo de construção de identidade é bastante complexo. Ele afirma que existe uma série de *peças* que poderiam formar a identidade de determinado indivíduo. No entanto, selecioná-las, formando um todo significativo, parece comprometedor, pois não é possível prever quais destas “peças” realmente formarão a figura final desejada. O autor

⁷ “Estado e nação precisavam um do outro. Seu casamento, alguém poderia dizer, foi oficiado no céu... O Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. Por outro lado, uma nação sem estado estaria destinada a ser insegura sobre o seu passado, incerta sobre o seu presente e duvidosa sobre seu futuro, e assim fadada a uma existência precária” (BAUMAN, p. 27, 2005). Para maiores informações sobre estados nacionais, ver Hobsbawm (1990).

⁸ O estado moderno precisava ser sólido, rígido, permanente. Era um espaço de hierarquia. Essas hierarquias eram de localidades cada vez maiores e mais organizadas. No topo de tudo isso estava o Estado, desfrutando de seus ares de totalidade. A elite móvel líquida, por sua vez, viaja no espaço de maneira muito rápida. Entre outras razões, porque ela tem acesso ao capital e aos mecanismos de comunicação e informação. É o tempo do ciberespaço (BAUMAN, 1999, p. 24-26).

⁹ “Você fala qualquer coisa tipo *bá*, por exemplo, então o cara deixa você entrar, sentar e rodar junto com os outros” (ABREU, 1988, p. 91).

afirma ainda que estamos transitando da fase sólida da modernidade (total) para a fase fluida (fragmentada). Esta última é assim chamada por não conseguir manter uma determinada forma por muito tempo, estando exposta a quaisquer forças.

Bauman (2005, p. 58) atesta que a sociedade não é mais responsável por ordenar a maneira de viver: “A ‘sociedade’ deseja apenas que você continue no jogo e tenha fichas suficientes para permanecer jogando”. Dessa maneira, podemos supor que este processo provoca um esvaziamento nos indivíduos. Assim, percebemos que a estratégia *carpe diem* é apenas uma reação a este mundo esvaziado de valores, mas que finge ser interminável.

Para os indivíduos do tempo líquido-moderno, refletir acerca da coesão, apropriar-se de regras e manter-se fiel a esta lógica contínua não parecer opção propícia. O sociólogo sugere que esses indivíduos flutuam na rede de oportunidades mutáveis e de curta duração.

Em sua análise, Bauman ainda trata de questões amorosas. Para ele, estas relações se constroem em locais de ambiguidade e hesitação. No tempo líquido-moderno, os indivíduos não têm vínculos. Os relacionamentos são instáveis, intermitentes e “sem compromisso”. Os questionamentos não se restringem apenas acerca de como construir relacionamentos, mas quanto ao tipo de relacionamentos que as pessoas desejam. Portanto, poderíamos pensar que o casamento é um contrato que só dura enquanto trazer a ambos os parceiros alguma satisfação. Para ele,

Amar significa estar determinado a compartilhar e fundir duas biografias, cada qual portando uma carga diferente de experiências e recordação, e cada qual seguindo o seu próprio rumo. Justamente por isso, significa um acordo sobre o futuro e, portanto, sobre um *grande desconhecido* (BAUMAN, 2005, p. 68).

Assim, buscamos insistentemente este sentimento para encontrarmos auxílio, confiança e segurança (BAUMAN, 2005).

No entanto, não existe nenhuma garantia de que receberemos tais proteções. Ao contrário de um produto com defeito de fabricação, em se tratando de amor, não haverá devolução de dinheiro.

A descrença no amor não atinge apenas o casamento, mas – inclusive – os vínculos familiares. Vemos na contemporaneidade um desgaste dessa instituição. A palavra crise tem aparecido muito ligada à palavra família. Os vínculos familiares têm se transformado demais, e o modelo tradicional de família (pai, mãe e filhos) ainda é muito significativo hoje, mas não é – de forma alguma – hegemônico.

A família (não porque mudou, mas porque se desgastou) perdeu seus valores fundantes e, em muitos casos, deixou de ser o “porto seguro” e “ilha de amor”. Certamente este cenário contribui para o descentramento do sujeito nos tempos líquido-modernos, o que fica muito claro nas teses de Zigmunt Bauman e no conto de Caio Fernando Abreu.

Bauman afirma que o futuro sempre foi incerto, no entanto seu caráter inconsistente e fragmentável nunca pareceu explícito como nos líquidos tempos modernos, cujas forças de trabalho são flexíveis e os vínculos afetivos são frágeis. O futuro nunca pareceu tão inatingível, tão além do controle humano.

As identidades no mundo líquido-moderno são flexíveis, ou seja, mutáveis. No entanto, saber quais identidades alternativas se pode escolher parece difícil. Após tê-las escolhido, saber quanto tempo se pode possuí-las parece ainda mais:

A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida (BAUMAN, 2005, p.91).

A partir dessas proposições, Bauman se debruça na discussão acerca do processo de globalização. Neste sentido, o autor sugere que não se pode lutar contra ou ir de encontro. Sugere também que não se deve desunificar o planeta, mas dominar e controlar esses processos, até agora ameaçadores. Mudar de cidade, fechar portões e baixar as janelas são atitudes que apenas colaboram e corroboram para o agravamento das condições de ilegalidade, de desigualdade e de vulnerabilidade universal.

A partir da exposição desses pontos, parece bastante claro conceber o recente processo de globalização como viés pertinente na discussão das identidades. Nesse sentido, esta problemática aproxima, de maneira evidente, as teses de Zygmunt Bauman e Stuart Hall. Como Bauman, Stuart Hall aborda a questão das identidades na pós-modernidade, bem como desconstrói o sujeito moderno (compacto, imutável) e esboça o indivíduo pós-moderno (fragmentável, mutável), mostrando a importância da globalização neste processo.

3 Stuart Hall e a fragmentação do sujeito

Como veremos adiante, os desencontros da *Dama* são frequentes, em vista de estarmos vivendo hoje uma nova ordem de mundo, uma ordem em que os grandes blocos políticos não têm mais a enorme expressão de outrora. Assim, há um clima de susto, pois há um sem-número de possibilidades e muita falta de coerência e direção para as ações, gerando, de certa forma, uma desregulamentação universal.

Há um desvio na ideia de comunidade: ela passa de defensora de uma vida digna para a promoção e preeminência das vontades do mercado, o que, por derradeiro, gera milhões de pobres, marginalizados e excluídos (BAUMAN, 2003).

A novidade no cenário pós-moderno é que há uma fraca e lenta institucionalização das diferenças. Há uma questão problemática com as identidades, em vista de ser praticamente impossível manter-se,

por longo tempo, fiel a uma identidade, dada a volatilidade das coisas e uma sensível fragmentação dos sujeitos, sem contar, é claro, com suas relações que produzem transformações quase instantâneas.

Para corroborar as ideias de Zygmunt Bauman, buscamos as teses de Stuart Hall que tratam das identidades fragmentadas. Para ele, existem três principais conceitos de identidade: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O “sujeito do iluminismo” era centrado e unificado em sua totalidade. As questões concernentes (e inerentes) à razão lhe eram de extrema importância. Este indivíduo era o centro de tudo e o “eu” representava a centralidade de sua identidade. Assim, pode-se perceber que este sujeito possuía características muito peculiares.

Ao contrário deste primeiro, o “sujeito sociológico” entendia que o centro de tudo não poderia ser ele mesmo, uma vez que não era autônomo nem autossuficiente, mas formado no contato com outras pessoas que lhe eram importantes. As identidades, desta forma, formar-se-iam a partir da relação entre o indivíduo e sociedade, costurando-o às suas estruturas.

O autor percebe, porém, que justamente este indivíduo, compacto e unificado está mudando. Este sujeito está se fragmentando, apropriando-se de mais identidades, por vezes até contraditórias.

Hall diz que nascer com uma identidade e permanecer com ela até a morte é uma fantasia. Neste sentido, afirmar que a identidade é total é apenas uma história cômoda acerca da nossa narrativa.

Para o teórico, a sociedade está sendo “descentrada”, pois já não se configura mais como um todo unificado, delimitado e coerente. Ao contrário disto, a sociedade pós-moderna está deslocada por forças que são fundamentadas na “diferença” (HALL, 2006).

Pensar no deslocamento das identidades parece causar, em um primeiro momento, certo mal-estar. No entanto, podemos destacar um aspecto positivo: deslocar as

identidades totais propicia que novas identidades sejam articuladas.

Pensar que as identidades, na modernidade, eram totais e que, na modernidade tardia, são fragmentadas parece bastante simplista. Este deslocamento decorre de uma série de mudanças nas bases do discurso e do pensamento moderno.

Podemos aferir alguns acontecimentos responsáveis pela ruptura (descentramento) destas estruturas na sociedade moderna:

a) Karl Marx colocou as relações sociais no centro do seu sistema teórico, assim, deslocou duas proposições da filosofia moderna: “de que há uma essência universal no homem; e que essa essência é o atributo de ‘cada indivíduo singular’, o qual é o seu sujeito real” (HALL, 2006, p. 35);

b) Freud desconstrói o sujeito racional provido de uma identidade única (total). A criança se espelha em seus pais para construir suas identidades. Este processo é conturbado, uma vez que ela precisa aprender a dividir o amor dos pais. Ganha destaque a dimensão do inconsciente como parte constituinte das identidades dos indivíduos;

c) Ferdinand de Saussure, linguista suíço, percebe que os indivíduos não são os criadores das afirmações que realizam ao usar a língua. Ele concebe a língua como um fator social que existe antes mesmo de nós. As palavras, para Saussure, carregam sempre outros significados, assim elas estão sempre em movimento;

d) Michel Foucault demonstra que existe uma nova ordem de poder: o “poder disciplinar”. Esse poder faz com que as pessoas sejam reguladas e vigiadas, com importante preocupação com o indivíduo e seu corpo. O poder especializa o sujeito e controla sua conduta. Assim, podemos perceber que quanto maior o poder disciplinar das pessoas, maior também será a individualização deste sujeito;

e) O movimento feminista é o quinto elemento deste processo de descentramento. Em linhas amplas, o movimento descentrou o sujeito cartesiano e sociológico,

questionando o “interior” e o “exterior” deste sujeito. O feminismo sugeriu que homens e mulheres integravam uma mesma identidade: de ser humano. A difusão do conceito de gênero foi fundamental para este processo.

Após descentrar este sujeito moderno, Hall (2006) esboça o sujeito pós-moderno, tomando como eixo norteador o processo de “globalização”, ou seja, as mudanças que atingem ao nível global, integrando e conectando fronteiras, bem como suas consequências.

Essas mudanças comprimem o espaço-tempo, pois a partir da aceleração destes processos globais, as distâncias são “menores” e percorridas com tempo cada vez mais reduzido. No entanto, ao comprimirmos o nosso tempo e espaço, comprimimos também nosso sistema de representação:

O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço também são coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*. Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho [...] – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais (HALL, 2006, p. 70).

Alguns teóricos propõem que existe um processo de homogeneização decorrente da globalização. Mas o contrário também pode valer. Isto é, nunca foi tão perceptível as resistências dos localismos. Portanto, pode-se pensar no processo de globalização como uma via de mão dupla.

Por meio do processo de globalização, capital e Estado estão em constante descompasso. Não é preciso destacar, mas o capital está sempre em vantagem. Logo, quem dita regras, hoje, não é mais o Estado, mas sim o capital, através de seus agentes. Essa situação gera uma sensação de que está chegando ao fim o Estado-Nação. Ou melhor, que ele está sendo desgastado, que ele está definhando; e os responsáveis por esta crise do Estado são as forças transnacionais (BAUMAN, 1999).

A globalização transmite a ideia de indeterminação e indisciplina. Há a ausência de um centro de controle e há a ideia de que a administração não está nas mãos de ninguém. Fragmentação política e globalização econômica são aliadas e conspiradoras. São duas faces de um mesmo processo (BAUMAN, 1999).

Assim, as identidades culturais poderiam também estar entrando em uma espécie de colapso em razão dos deslocamentos. Como resultado, teríamos a fragmentação dos códigos culturais, a propagação de estilos, a evidenciação da efemeridade e o pluralismo cultural: o pós-moderno global, onde, segundo Stuart Hall (2006, p. 74):

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam identidades ‘partilhadas’ – como ‘consumidores’ para os mesmos bens, ‘clientes’ para os mesmos serviços, ‘públicos’ para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distante umas das outras no espaço e no tempo.

O processo de globalização toma proporções incomensuráveis. As influências são as mais diversas possíveis e ocorrem de forma quase que ininterrupta, em grande medida, a partir dos países cujo poder econômico – aplicado a mecanismos midiáticos poderosos – consegue difundir-se para as mais diversas manifestações culturais.

Assim, quanto mais intensas se tornam essas redes, sejam imagens, lugares ou viagens internacionais, mais desvinculadas ficam as identidades. Elas se desconectam de seu tempo e de suas raízes.

Apesar de este processo ser responsável, em parte, pela homogeneização das identidades, é necessário pensar que elas só entram em discussão a partir de uma característica muito apreciada: a diferença. Portanto, em vez pensar o global substituindo o local, poderíamos pensar uma articulação entre os dois.

Este ‘local’ não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades de-

limitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identidades ‘globais’ e *novas* identidades ‘locais’ (HALL, 2006, p. 78).

Como vivemos um processo de globalização, pensar em homogeneização parece um pouco cedo, uma vez que há uma gama de regiões que não recebem tais influências (e informações), bem como há uma má distribuição desta mesma globalização ao redor do mundo.

Assim, é evidente a dissolução do sujeito moderno e sua totalidade, para que seja possível esboçar um novo indivíduo que se forma a partir dos preceitos da globalização: mutável e fragmentável. Este indivíduo está sempre disposto e pronto a se apropriar (ou criar) de novas identidades e mantê-las vivas. É notável a fragilidade da relação entre o global e local.

A partir disto, poderemos construir ou desconstruir a *Dama* de Caio Fernando Abreu, personagem central do conto em questão. Discutiremos acerca da existência ou não de conflitos identitários nos limites do personagem, bem como o seu possível mal-estar, sinalizando suas causas e consequências.

4 Entre identidades e fragmentações: a *Dama da Noite*

Entendemos como relevante o esboço teórico acima, pois ele elenca os olhares para a discussão que faremos a seguir. Por meio de conceitos, como *identidade*, *fragmentação*, *sujeito pós-moderno* e outros, temos condições de ler a *Dama* a partir de matrizes interpretativas distintas.

Ao nos depararmos com o primeiro parágrafo do conto *Dama da Noite*, podemos perceber um sentimento de deslocamento, tal como aquele proposto por Stuart Hall (2006): a *Dama* se sente *fora do movimento da vida*, assim como supõe ter *desaprendido a linguagem dos outros*.

Estes dois primeiros elementos denotam a característica primária da discussão de Zygmunt Bauman e também Stuart Hall sobre as identidades: a diferença. Tomás Tadeu da Silva (2000) é quem problematiza de forma muito clara as questões atinentes à diferença. Na contramão de visões que qualificam a diferença como repulsiva, Silva vê nela um potencial aproximativo, isto é, em conhecendo a diferença, podemos incorporá-la e esta nova visão torna-se uma alternativa aos posicionamentos hegemônicos. Portanto, *Dama da Noite* se sente fora do movimento da vida, porém vive. Da mesma maneira, ela julga ter desaprendido uma linguagem que não é dela, mas da qual faz uso para poder estabelecer uma relação comunicativa com a(s) comunidade(s) que está inserida. Isso ocorre, em vista da diferença – longe de percebida como no entendimento de Silva – ser ainda compreendida a partir de uma ótica repulsiva.

A *Dama* afirma haver uma roda-gigante, que podemos entender como uma metáfora da própria vida, que pode ou não ser a que ela vive. No entanto, ela sugere ainda mais: para se rodar na roda, é preciso conhecer um código, uma senha. Por analogia, podemos ver esta discussão presente não apenas no livro *Identidade* (2005), mas também em *Comunidade* (2003), conforme dito acima.

Parece claro que estes códigos e senhas são as identidades que ela precisa trajar para poder fazer parte desta roda.⁹ Ao encontro de tal informação, percebemos o primeiro elemento que poderia explicar sua necessidade incessante de frequentar aquele bar: “Eu ainda sou babaca, pateta e ridícula o suficiente para estar procurando O Verdadeiro Amor” (ABREU, 1988, p. 92). Assim, a obra de Caio transita pelos mundos de Stuart Hall, onde o sujeito moderno não consegue despojar-se de uma identidade total, frente às tantas novidades da vida – dita por Bauman – *líquido-moderna*.

Um aspecto importante que se destaca na obra de Abreu é a nítida percepção de que a personagem tem uma situação econômica privilegiada, todavia prefere supri-

mir tais informações, receando que o *boy* queira *foder* com ela em decorrência disto. Neste momento da narrativa, verifica-se uma ambiguidade em relação à sua identidade: ela tem dinheiro, inteligência e sabe se comunicar com classe, no entanto, para com o menino, ela usa um léxico que, diversas vezes, se aproxima do vulgar.

Poderíamos pensar, então, que a *Dama* possui duas maneiras de se portar perante a sociedade e que esta seria uma possível crise de identidade. Tanto Bauman como Stuart Hall mostram, por diversas vezes, como as transformações operadas em velocidade cada vez maior na contemporaneidade criam uma sensação de vazio, medo, perda. Ela – a *Dama* – insiste em dialogar acerca da roda e tenta traçar as características (fragmentadas) dos indivíduos que giram na mesma: “Naquela menina ali, de preto, a de cabelinho arrepiadinho. Tá bom, eu sei: pelo menos dois terços do bar veste preto e tem o cabelinho arrepiadinho, inclusive nós” (ABREU, 1988, p. 92).

Assim, ao esboçarmos ou construirmos este sujeito, deparamo-nos com um momento bastante peculiar: a *Dama* frequenta o bar para encontrar o seu *O Verdadeiro Amor*, o que a caracteriza como um sujeito moderno, de identidades totais, segundo Stuart Hall (2006). No entanto, ela se veste, se porta e fala como todos os outros *boys* que frequentam o bar e que possuem identidades mutáveis, fragmentadas, *líquidas*, nas palavras de Bauman (2005).

Como expusemos anteriormente, a personagem se apropria de várias identidades mutáveis quando está no bar. No decorrer do diálogo, ela ameaça o menino, discorrendo acerca da *tristeza* da vida: “Acorrer no meio da tarde, de ressaca, olhar a sua cara arrebetada no espelho. Sozinho em casa, sozinho na cidade, sozinho no mundo” (ABREU, 1988).

Este discurso, dispensado ao menino, poderia ser uma forma de a *Dama* dialogar com ela mesma. Assim, ela viveria durante o dia em uma solidão *medonha* e, à noite, apropriar-se-ia de identidades que lhe permitissem frequentar o bar em busca do

amor, *O Verdadeiro Amor*. A impressão que temos é que *O Verdadeiro Amor* resolveria todos os problemas da *Dama*. Ele supriria a falta de tudo: pessoas, família, homem, sexo, afeto, amor.

Ela supõe que o garoto não pode escolher estar ou não na roda, ou seja, é um processo irreversível e cabe às pessoas adaptarem-se a ela. Poderíamos remeter tal perspectiva às teorias explanadas e perceber a roda como a própria pós-modernidade. Assim, para a *Dama* rodar nesta roda (tempo pós-moderno) é indispensável que ela se construa de maneira mutável e fragmentada, assemelhando-se aos outros indivíduos do bar por intermédio dessas identidades. Além disto, ela ainda expõe que “Quando dei por mim, todo mundo já tinha decorado a tal palavrinha-chave e tava a mil, seu lugarzinho seguro, rodando na roda (ABREU, 1988). A partir dessa afirmativa, podemos idealizar que a *Dama* “coroa” vivia em um tempo moderno, mas que foi rapidamente transformado (principalmente por meio do processo de globalização por volta da década de 60)¹⁰ e ela não soube perceber a mudança. Ao encontro desta última análise, ela rememora seus amigos *fodidos que nem ela* e diz que alguns deles até rodam na roda, mas *fodidamente*. Estes sujeitos nasceram antes da época líquido-moderna (BAUMAN, 2001) e construíram suas identidades, portanto, em outro tempo. Dessa maneira, poderíamos pensar que eles estão sofrendo um processo de transformação ao se inserirem nestas comunidades pós-modernas (BAUMAN, 2003). No entanto, não se trata de transformação, pois eles já foram concretizados em um tempo anterior, mas da apropriação das características (identidades) pós-modernas para poderem ser aceitos nesta sociedade renovada de valores liquefeitos.

¹⁰ A “globalização” da atividade econômica e as questões de governabilidade que ela provoca são, frequentemente, interpretadas como tendo surgido apenas a partir da Segunda Guerra Mundial e, principalmente, durante a década de 60. A era pós-1960 foi um período, de um lado, de emergência da atividade multinacional e, por outro lado, de rápido crescimento econômico (HIRST; THOMPSON, 1998, p. 39).

No suposto diálogo, a *Dama* levanta questões concernentes à própria globalização e às identidades mutáveis que a configuram: “Você nasceu dentro de um apartamento, vendo tevê. Não sabe nada, fora essas coisas de vídeo, performance, *high-tech*, *punk*, *dark*, computador, *heavy-metal* e o caralho” (ABREU, 1988, p. 94).

É possível perceber, na narrativa, alguns fragmentos metafóricos que denotam um cunho crítico à pós-modernidade e que, neste caso, está representada pelo próprio “boy”: “Esse caralhinho gostoso aí, escondido no meio das asas, é só isso que você tem por enquanto. Um caralhinho gostoso, sem marca nenhuma. Todo rosadinho. E burro” (ABREU, 1988, p. 96). E ainda:

Eu cansei. Já não estou mais na idade. Quantos? Ah, você não vai acreditar, esquece. O que importa é que você entra por um ouvido meu e sai pelo outro, sabia? Você não fica, você não marca (ABREU, 1988, p. 96).

Podemos pensar que os próprios líquidos tempos modernos não marcam. O que, neste sentido, caminha ao encontro das teorias antes tratadas. As identidades não ficam marcadas: elas se constroem e se desconstroem todo tempo na pós-modernidade.

A personagem sabe como as coisas são no mundo pós-moderno: *Ca-pi-ta-lis-tas, em letras góticas de neon*. Quando ela está no bar, poluída pela pós-modernidade, ela não se opõe ao consumismo, uma vez que tem dinheiro para pagar qualquer coisa naquele ambiente, até mesmo ao próprio *boy*.

O desfecho começa a ser esboçado pela *Dama* quando ela confessa ao menino que a única coisa que ela realmente quer, não pode ser comprada. Ela procura ali *O Verdadeiro Amor*, que um dia entrará no bar. Ela o caracteriza de maneira distante de todos os outros indivíduos do bar. Ao contrário deles, ele não vestirá roupas pretas, tampouco terá cabelo arrepiado.

Se quiser eu piro, e imagino ele de capa de gabardine, chapéu molhado, barba de dois dias, cigarro no canto da boca, bem *noir*. Mas isso é filme, ele não. Ele é de um jeito que ainda não sei, porque nem vi (ABREU, 1988, p. 97).

Assim, podemos inferir que este sujeito é típico do século XIX, um tempo cujas identidades eram totais. Ele, como a *Dama*, não gira na “roda da pós-modernidade”, nem se configura na fragmentação das identidades dos fluidos tempos pós-modernos.

Ainda no fragmento exposto, ela deixa claro que ele existe de maneira fixa, ao contrário dos “filmes” que passam (giram) sem parar, e que ele vai entrar no bar, olhar para ela, sentar em sua mesa e propor que ambos saiam de lá. Está claro na fala da *Dama*, a ideia recorrente do *amor romântico*, tal como o descrito por Giddens (1993), em *A Transformação da Intimidade*.

Para ela, este *Amor* significaria a identidade que lhe falta para ser um sujeito total, moderno. Se o tivesse, estaria completa e, conseqüentemente, não precisaria frequentar o bar. Neste sentido, parece pertinente apoiarmo-nos também na obra *Amor Líquido*, de Zygmunt Bauman (2004, pois estes estudos vão ao encontro da perspectiva da *Dama* como sujeito moderno. Para o autor, na pós-modernidade, as relações também são fluidas, líquidas, o relacionamento é

[...] um investimento como todos os outros: você entrou com tempo, dinheiro, esforços que poderia empregar para outros fins, mas não empregou, esperando estar fazendo a coisa certa e esperando também que aquilo que perdeu ou deixou de desfrutar acabaria, de alguma forma, sendo-lhe devolvido – com lucro (BAUMAN, 2003, p. 28).

Esta teoria, no entanto, não estabelece nenhum sentido para a *Dama*, justamente por ela ser exatamente o contrário do líquido ou líquido: para ela, o amor significa a identidade que lhe falta e só por intermédio dele que ela poderá postar-se de maneira completa ou total na sociedade.

A *Dama* ainda explica para o menino seu jogo de identidades: de um lado, ela

como um sujeito moderno “essencialmente”; do outro, o indivíduo pós-moderno que precisa se apropriar de identidades que não lhe são inerentes para poder frequentar o bar e encontrar seu amor. Da mesma maneira acontece com ele, *O Verdadeiro Amor: Fora da roda, montada na minha loucura. Parada pateta ridícula porra-louca solitária venenosa. Pós-tudo, sabe como? Darkérrima, moderníssima, puro simulacro* (ABREU, 1988, p. 98).

Dessa forma, através da metáfora exposta, a *Dama* constrói as identidades líquido-modernas que não lhe pertencem, pois, no início das manhãs, ela se desencanta (ou se desconstrói) para, sozinha, voltar a ser o que ela é: “uma criança assustada” (ABREU, 1988).

5 Considerações finais

Este pequeno ensaio, de cunho bibliográfico, foi idealizado no sentido de mostrar, nos próprios limites do conto, por meio da estética textual, as questões de identidade no chamado mundo pós-moderno. Neste sentido, procuramos buscar em cada construção do referido conto as características linguísticas que fundam e constituem o literário, para, assim, manter seu valor artístico e pensar no seu lugar social.

O conto *Dama da Noite*, especialmente a personagem autodiegética, foi o nosso objeto de investigação: procuramos em seu discurso – minuciosamente – marcas que pudessem expressar os conflitos da *Dama* em relação ao mundo líquido-moderno e, em um segundo plano, ao processo de globalização em que vive.

A partir das décadas de 1960-1970, o mundo voltou seus olhos para o processo de globalização. Este processo é também responsável pela fragilidade das relações, pela fragmentação das identidades e por um profundo sentimento de mal-estar.

Caio Fernando Abreu viveu nesse período de transição e visualizou uma espécie de mudança de códigos e valores, mas, mais que isso: uma mudança nas bases da sociedade (a contracultura, a Ditadura Mi-

litar no Brasil e a Guerra Fria seriam apenas alguns exemplos). Neste sentido, o escritor evidencia, nos seus textos, uma série de discussões críticas, que se vestem de temáticas ainda desconhecidas para a sociedade (fragmentada) em que vivemos: seja de amor, de medo ou de solidão.

Em *Dama da Noite*, podemos perceber a preocupação de Caio não apenas para com a elaboração da dimensão estética, mas também com notórias críticas relativas às mudanças que o mundo enfrentou a partir desses anos. Assim, compreendemos que os textos do autor, poluídos por estas recentes mudanças, são fontes importantes para o olhar sociológico.

Acreditamos ser necessário entender a lógica das visões de mundo, as opiniões políticas e, mesmo, os juízos de valor dos autores para não haver julgamentos prévios ou rotulações, para podermos compreender, de maneira mais ampla, o teor de tais críticas.

A *Dama* de Caio concretizou-se como indivíduo em uma sociedade de identidades totais, imutáveis. Esta sociedade (moderna) está sendo superada. No entanto, ela não conseguiu se firmar neste mundo renovado de valores. Assim, buscar incessantemente o verdadeiro amor significava resgatar a própria identidade que lhe faltava (e que lhe conferiria segurança e proteção), para se completar no líquido mundo moderno.

Desta maneira, parece bastante relevante que nos debruçemos, de forma crítica, sobre essas questões, pois elas extrapolam a ficção e se lançam nas bases da nossa própria construção enquanto sujeitos. Esta leitura detalhada do conto *Dama da Noite*, de Caio Fernando Abreu, permeada pela análise sociológica, conferiu-nos elementos suficientes para pensarmos no referido conto também de maneira crítica, e mais: ouvir ao alerta da *Dama* de Caio para a problemática da tão propalada pós-modernidade.

6 Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. **Os dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Arcádia, 1979.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRST, Paul.; THOMPSON, Grahame. **Globalização em questão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.